

ESCRavidÃO VERSUS HOLOCAUSTO

O que a África e Israel têm em comum: eles são povos mártires. O que os diferencia? Israel soube se apropriar da sua história, reescrevê-la e criar um complexo de culpa eterna nos povos que foram a causa do seu sofrimento e do seu genocídio.

A África foi a que mais sofreu e foi vítima de forma permanente e continua (escravidão, colonização, racismo, genocídio etc...) mas ela foi incapaz de seguir o exemplo de Israel. É por isso, e paradoxal também, que o negro em geral e o africano em particular desenvolveu um complexo de culpa. A história sendo sempre uma genealogia construída, a nossa incapacidade de reescrever nossa história permitiu àqueles que a reescreveram “transformar as vítimas da história em culpados do presente”. Como bem observou o senegalês Laye Bamba, “o racismo em relação a um africano é considerado menos grave que em relação a um judeu”. O Presidente francês, Jacques Chirac, falou em uma de suas declarações sobre “o barulho e os odores” para justificar a expulsão dos imigrantes africanos clandestinos. E ele estava se referindo aos malês (habitantes da República do Mali), e isso foi considerado normal; porém quando Dieudonné, humorista francês de ascendência africana, teve a coragem de rir de Israel, foi extremamente criticado e compreendeu rapidamente que não é permitido rir de Israel nem mesmo na França. Quando o professor Stephen D. Smith¹, na sua teoria de matemática Cohomology decompositions from subgroup complexes of finite groups, caiu num racismo primário, isso foi considerado com um debate intelectual; quando Tarek Ramadan² teve a coragem de falar no controle do pensamento pelos intelectuais judeus e listou esses judeus como faziam os nazistas. Tarek Ramadan entendeu também que, mesmo na França, o debate intelectual tem limites exceto quando se trata dos negros. Senão, como entender que o revisionismo (negar o genocídio judeu, por exemplo) seja um delito, que minimizar o impacto da escravidão seja somente um debate de historiador e que alguns intelectuais da direita vão até afirmar que a escravidão foi uma chance para a África, avançando argumentos demográficos.

No Rio Grande do Sul, um editor de origem alemã foi condenado pelo Judiciário por ter sido acusado de ofender os judeus. Paradoxalmente, os crimes de racismo contra os negros poucos são veiculados na mídia. Quando as vítimas vão aos órgãos competentes defender seus direitos, o ato racista é considerado como injúria e não como racismo. Por que isso? Recentemente numa Faculdade de Lyon (França), um estudante defendeu uma tese sobre o Ruanda, cujo argumento principal foi: o de que o genocídio foi uma chance pois é um elemento de regulação demográfica nesse pequeno país em relação à sua população. Deveríamos ir à escola de Israel. Esse povo, que após mil anos de exílio e de sofrimento, conseguiu se reapropriar da sua história e criar um complexo de culpa eterna em relação aos atores das atrocidades vividas. A observação de

¹ Professor de Matemática na Universidade de Illinois em Chicago, nos Estados Unidos da América.

² Atualmente ele é Senior Research Fellow no Lokahi Foundation e Professor Visitante na Universidade de Oxford.

Théodore Herzl³ depois do caso Dreyfus vale para os negros⁴. Herzl partiu da constatação de que, se a França, o país dos direitos do homem e da igualdade, da integração, da assimilação dos judeus, enfim da cidadania, não impediu o caso Dreyfus, defendeu a tese de que os judeus não estariam em segurança em nenhum lugar senão no seu próprio Estado. A história daria razão a ele. A Alemanha, o país de Goethe, Schiller, Kant, país do pensamento, foi também o país da barbárie contra os judeus. Ir à escola de Israel, para os negros, consiste em se organizar para que o racismo contra os negros seja excluído dos espaços públicos. A França, o país de Drieu La Rochelle, e a Alemanha de Heidegger têm ainda instintos anti-semitas, mas seria um suicídio os expressar em público. O anti-semitismo e o racismo contra os negros têm ainda “belos dias” pela frente. Os negros precisam se organizar para que o racismo contra os negros seja considerado tão grave quanto o anti-semitismo.

Ir à escola de Israel consistiria também em se reapropriar da nossa história, mas no continente africano somente a África do Sul está nesse caminho. O Senegal está muito longe disso, pois nos senegaleses construímos toda a nossa política externa no postulado “Como agradar melhor a França mais do que os outros países do mundo?”, o que justifica que nunca tivemos a coragem de questionar os massacres de Thiaroye durante a Segunda Guerra Mundial, quando as autoridades francesas bombardearam o quartel durante a noite (1 de dezembro de 1944), porque os senegaleses reivindicavam seus salários. Quem fala hoje da realeza de Abysinnie, de Axoum (situada atualmente na Etiópia) que, durante muito tempo, dominou uma grande parte da Arábia e que foi uma das quatro grandes potências juntamente com Roma, Pérsia e Bizantino. O espírito do Haiti, a primeira República negra fundada por escravos que foram libertados, com armas, alguns anos após que Washington fez idem, foi reduzido por Duvalier e Aristide. Vamos relembrar da Libéria, reduzida em Samuel Doe e em Charles Taylor, que são meros sanguinários comparados à idéia de liberdade, de auto-afirmação e que foi a origem da criação desse país.

Ir á escola de Israel é utilizar também o longo sofrimento desse continente, não como um fundo de comércio mas como um ponto de conscientização para as futuras gerações. Israel soube fazer isso com o Forte de Massada (onde os últimos residentes judeus preferiram morrer no fogo a se renderem às legiões romanas) ou Auschwitz. Gorée no Senegal e Ouidah no Benin são tantas Massada e Auschwitz para nos, infelizmente fizemos deles elementos de promoção turística como foi, de maneira escandalosa durante os anos da escravidão. É porque os judeus se reapropriam

³ Herzl testemunhou a morte dos Judeus na França, pregou então que havia somente uma solução: a imigração maciça dos Judeus numa terra onde poderiam chamar os seus. Assim, o exemplo de Dreyfus transformou-se em uma das determinantes na genesis do [Sionismo político](#).

⁴ O **caso Dreyfus** foi um escândalo político que dividiu a [França](#) por muitos anos, durante os finais do [século XIX](#). Centrava-se na condenação por traição de [Alfred Dreyfus](#) em [1894](#), um oficial de artilharia Judeu no exército francês. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos, e quando oficiais de alta-patente franceses se aperceberam disto tentaram ocultar o erro.

positivamente de Massada e sua história que a Shoah⁵ se tornou inaceitável assim como o anti-semitismo.

Entendemos está na hora dos negros seguirem o exemplo dos judeus antes que seja mais tarde, já que está tarde. Por fim, os tratados internacionais de proteção dos direitos humanos ratificados pelo Brasil (em especial a Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial), acolhem não apenas o valor de igualdade formal, mas também de igualdade material.

Prof. Dr. Alfa Oumar Diallo
Advogado e Coordenador do Curso de Relações Internacionais
do Centro Universitário LA SALLE/Canoas/RS.

⁵ É um termo judeu que significa holocausto.